

OS GÊNEROS POÉTICOS ANTIGOS E O LUGAR-ESPECÍFICO (τόπος ἴδιος) NAS POÉTICAS DE ARISTÓTELES E HORÁCIO

João Angelo Oliva Neto
[Universidade de São Paulo]

ABSTRACT

Considering the distinction between *tópos koinós* and *tópos ídios* made by Aristotle in the *Art of rhetoric*, as well as the existence of a series of *tópoi koinoi* that the poets dealt with in the composition of their poems, in this essay we examine what are and what could be, in *Poetics*, the correspondent *tópoi ídioi*, and why they seem not to have been studied further. Two major texts are mentioned, Aristotle's and Horace's *Poetics*, and an outstanding modern essay, once more Francis Cairn's *Generic composition in Greek and Latin poetry*. We show that Cairns at least mentioned the issue, and we try to show that, though not explicitly, both Aristotle and Horace, but mainly the latter, convey the existence of *tópoi ídioi*, and relate them to the very essence of each poetic genre, such as epic, elegiac, iambic, and lyric poetry.

Keywords: poetic genres; *Poetics*; *tópoi ídioi*; *tópoi koinoi*; *Rhetoric*; imitation.

Em primeiro lugar, lembremos que na Antigüidade, em comparação com textos de preceptiva e crítica retórica, os textos de poética – as poéticas de Aristóteles e Horácio, as respectivas seções em Quintiliano, Dionísio de Halicarnasso, Pseudo-Longino, as dos gramáticos, dos metricistas e dos escoliastas, quando não dos próprios poetas que refletem sobre sua prática – são muito menos numerosos e mais lacunares. Isso talvez explique por que, em traduções, comentários e publicações de textos gregos e latinos, os poemas ou não são identificados pelos gêneros antigos – carência de certa forma grave, já que o conceito de gênero, tendo permeado a própria composição dos poemas, é parte importante da inteligência – ou, quando identificados, não têm

indicadas a proveniência nem a origem da classificação. O conceito de gênero adotado por Cairns subdivide-se em dois grupos, que o autor denomina “gêneros retóricos”¹, que foram descritos por tratadistas antigos, principalmente Aristóteles e Menandro, o Retor, e “gêneros não-retóricos”, que não foram estudados pela retórica nem pela poética da Antigüidade, mas a despeito do silêncio e da conseqüente carência de nome antigo, eram reconhecidos e imitados por outros poetas: estes são os que importam ao nosso estudo e serão descritos adiante. O critério de Cairns não leva em conta os gêneros *de poesia* que teóricos antigos², como Platão, Aristóteles, Horácio, Quintiliano etc. reconheceram e nomearam:

poemas e discursos da Antigüidade clássica não são obras individuais internamente completas, mas membros de classes de literatura [sic] conhecidas na Antigüidade como γένη ou εἶδη que serão descritas neste livro como *gêneros*. Gêneros neste sentido não são classificações de literatura segundo a forma, como são épica, lírica, elegia ou epístola, mas classificações segundo o conteúdo [...].

A despeito de algum anacronismo lexical, a passagem esboça nobre enfrentamento da palavra “gênero” (εἶδος, γένος, *genus*, *opus*), que significa sim “conjunto”, e pode ser aplicada em quaisquer divisões e subdivisões, que assim são correlativamente também gêneros não menos que subgêneros e espécies. Moderna e antigamente, a questão será sempre o critério segundo o qual se forma o conjunto e o subconjunto que a ele se subordina³. Problemático é Cairns afirmar que os gêneros que estuda têm por critério o conteúdo, o que parece verdadeiro, ao passo que os gêneros da épica, lírica, elegia, epístola têm por critério a forma, que é simplificação e não totalmente verídica, como se pode ver pelas considerações de Aristóteles e Horácio.

[1447e]

ἐποποιία δὴ καὶ ἡ τῆς τραγωδίας ποίησις ἔτι δὲ κωμωδία καὶ ἡ διθυραμβοποιητικὴ καὶ τῆς ἀλύπητικῆς ἢ πλείστη καὶ κιθαριστικῆς

1. São eles: *syntaktikón*, discurso de adeus do que parte em viagem (συντακτικός λόγος); *propempnikón*, discurso de adeus ao que parte em viagem (προπεμπτικός λόγος); *epibatérion*, discurso de boas-vindas do que chega de viagem (ἐπιβατήριος λόγος); *prosphonetikón*, discurso de boas-vindas ao que chega de viagem (προσφωνητικός λόγος).

2. Platão, na *República* 394c, classifica a poesia segundo as falas do poeta e das personagens: gênero mimético, quando a poesia se faz por imitação (διὰ μιμήσεως) da fala das personagens, como na tragédia e comédia; gênero narrativo, quando é feita pela narração (δι' ὑπαγγελίας) que o poeta faz dos fatos, como no ditirambo; gênero misto, quando ocorrem imitação e narração, como na epopéia.

3. No artigo “O *monstrum* da *Arte poética* de Horácio” (2000, p. 226), Marcos Martinho dos Santos afirma sobre a questão: “Ora, os gêneros de poemas são gêneros, por assim dizer, mais específicos que se podem subordinar aos *genera dicendi*, que são gêneros, por assim dizer, mais genéricos. Por isso, tanto se podem subordinar diferentes gêneros de poemas a um mesmo gênero de discurso, como espécies de mesmo gênero de poema, a diferentes gêneros de discurso”.

πάσαι τυγχάνουσιν ούσαι μιμήσεις τὸ σύνολον· διαφέρουσι δὲ ἀλλήλων τρισίν, ἢ γὰρ τῷ ἐν ἑτέροις μιμεῖσθαι ἢ τῷ ἕτερα ἢ τῷ ἑτέρως καὶ μὴ τὸν αὐτὸν τρόπον.

[1448a]

ἐν τρισὶ δὴ ταύταις διαφοραῖς ἡ μίμησις ἐστίν, [25] ὡς εἶπομεν κατ' ἀρχάς, ἐν οἷς τε <καὶ ἄ> καὶ ὡς.

ἡ δὲ [ἐποποιία] μόνον τοῖς λόγοις ψιλοῖς <καὶ> ἢ τοῖς [1447b] μέτροις καὶ τούτοις εἴτε μιγνύσα μετ' ἀλλήλων εἶθ' ἐνὶ τινὶ γένει χρωμένῃ τῶν μέτρων ἀνώνυμοι τυγχάνουσι μέχρι τοῦ νῦν· οὐδὲν γὰρ ἂν ἔχοιμεν ὀνομάσαι κοινὸν τοὺς Σώφρονος καὶ Ξενοφῶντος μίμους καὶ τοὺς Σωκρατικούς λόγους οὐδὲ εἰ τις διὰ τριμέτρων ἢ ἐλεγείων ἢ τῶν ἄλλων τινῶν τῶν τοιούτων ποιοῖτο τὴν μίμησιν. πλὴν οἱ ἀνθρωποὶ γε συνάπτοντες τῷ μέτρῳ τὸ ποιεῖν ἐλεγειοποιούς τοὺς δὲ ἐποποιούς ὀνομάζουσιν, οὐχ ὡς κατὰ τὴν μίμησιν ποιητὰς ἀλλὰ κοινῇ κατὰ τὸ μέτρον προσαγορεύοντες· καὶ γὰρ ἂν ἰατρικὸν ἢ φυσικὸν τι διὰ τῶν μέτρων ἐκφέρωσιν, οὕτω καλεῖν εἰώθασιν· οὐδὲν δὲ κοινόν ἐστίν Ὀμήρῳ καὶ Ἐμπεδοκλεῖ πλὴν τὸ μέτρον, διὸ τὸν μὲν ποιητὴν δίκαιον καλεῖν, τὸν δὲ φυσιολόγον μᾶλλον ἢ [20] ποιητὴν·

A epopéia e a poesia trágica, bem como a comédia, a poesia ditirâmbica, a aulética e a maior parte da citarística são todas em geral imitações: diferem umas das outras por imitar com coisas diversas [isto é, por meios diversos] ou por imitar coisas diversas [isto é objetos diversos, matéria diversa] ou por imitar diferentemente [isto é, por outra maneira] e não pelo mesmo modo.

A imitação consiste nestas três diferenças, como dissemos no início: as coisas com que [imitar] [isto é, os meios], as coisas que [imitar] [isto é o objeto, a matéria] e o como [imitar] [isto é, o modo].

A arte que emprega só simples palavras ou metros, quer misturando-os uns aos outros, quer servindo-se de apenas um gênero de metros permaneceu até agora inominada. Pois nada em comum teríamos para nomear os mimos de Sófron e Xenarco, os diálogos socráticos e qualquer imitação que alguém fizesse mediante trimetros [jâmbicos] ou versos elegíacos ou outros meios semelhantes. Mas os homens ao metro juntaram a palavra “poeta”, chamando a uns “poetas elegíacos”, a outros “poetas épicos”, não segundo a imitação, mas segundo o metro utilizado. E se explicarem um tema de medicina ou de física em verso, é costume aplicar-lhe este nome, mas nada têm em comum Homero e Empédocles com exceção do metro. Por isso, é justo chamar àquele “poeta” e a este “fisiólogo” mais que “poeta”.

o tumulto do público, nascido para ações que se realizam.
 A Musa concedeu à lira cantar os deuses e filhos de deuses,
 o pugilista vencedor e o primeiro cavalo na corrida;
 os cuidados dos jovens e o vinho que liberta. 85
 Se conservar as funções distintas e os tons dos gêneros
 eu não posso e não sei, por que sou saudado como poeta?
 Por que, por falso pudor, prefiro ignorar a aprender?
 A matéria cômica não quer ser exposta em versos trágicos;
 O repasto de Tiestes indigna-se igualmente em ser narrado 90
 em versos dignos, familiares, quase de comédia.
 Cada qual [isto é, cada matéria] tenha decorosamente seu lugar conforme a sorte.

Horácio descreve aí os gêneros da poesia por um critério que não é apenas formal, mas, digamos, também material, por dizer respeito à matéria, isto é, o tema, o assunto, ou como dizem, o conteúdo. Além disso, apresenta entre os dois a necessidade de adequação, indicada pelos termos retóricos *aptum*⁵ (v. 81) e *decenter* (v. 92) e endossada pela indicação do inventor (*auctor*, v. 77). O que Cairns chama “forma” (*form*), Horácio chama *numerus* (v. 74) e Aristóteles μέτρον, que é o metro, aqui identificado a ritmo. O que Cairns chama “conteúdo” (*content*), Horácio chama *res* (v. 89, v. 40), alhures *materia* (v. 38) e *materies* (v. 131), que integra o conceito aristotélico de μύμησις. O gênero é indicado pelo termo *opus* (v. 86) e alhures por *genus* (v. 275), e em Aristóteles é εἶδος (1447a) e γένος, na passagem referente ao metro. Conspícua e sinopticamente, temos:

GÊNERO	MATÉRIA	METRO	INVENTOR
épica	ações realizadas de reis e heróis, as tristes guerras: v. 73-4	em que metro podem ser escritas = hexâmetro	Homero
elegia	1. lamento: v. 75 2. epigrama votivo; v. 76 3. elegia erótica: v. 77-78	para todos os tipos: versos desiguais unidos = dísticos elegíacos	não se aponta inventor para nenhum tipo
iambo	raiva: v. 79	iambo	Arquíloco
lírca	1. deuses = hinos: v. 83 2. filhos de deuses = encômios: v. 83 3. o pugilista vencedor e o primeiro cavalo na corrida = epinícios: v. 84 4. as preocupações dos jovens = lírica erótica: v. 85 5. vinho que liberta das preocupações = <i>escólio</i> e <i>paroinia</i> : v. 85	não se aponta	não se aponta

5. Aristóteles, na *Poética* (1459b), já prescrevia adequação: τὸ δὲ μέτρον τὸ ἠρωικὸν ὑπὸ τῆς πείρας ἤρμοκεν, “O metro heróico [isto é, o hexâmetro] é, por experiência, o mais adequado [à epopeia]”.

Aristóteles parte do gênero para chegar à matéria; Horácio, simulando cronologicamente a imitação de alguma ação na natureza, parte da matéria para chegar aos gênero poéticos – épica, elegia, iambo etc. – que são os territórios verbais, respectivamente de guerras, lamento, raiva etc. Mas num e noutro vemos a admissão do gênero, manifestada complexamente pela descrição da respectiva matéria, correlacionada ao ritmo adequado e ao inventor⁶. Patenteia-se, portanto, que os gêneros da *poesia*, para Horácio, e de modo amplo para os antigos, são épica, elegia, iambo, lírica, tragédia, comédia, aqui citados, e outros não citados, sátira, epístola, bucólica etc.

Outra questão que importa abordar diz respeito aos lugares-comuns (τόποι κοινοί, *loci communes*) e também aos lugares-específicos (τόποι ἴδιοι). Com efeito, a partir do trabalho seminal de Ernst Robert Curtius⁷ e, mais tarde, mercê do próprio estudo de Francis Cairns, os lugares-comuns – referidos que sejam ainda por “tópica”, “tópicos”, “tópoi” – têm atraído a atenção de estudiosos. Designados originariamente como sede da argumentação para obter prova nos discursos⁸, os lugares, quer dizer, os tópicos, subdividem-se em *específicos*, quando seus silogismos e entimemas se referem especificamente a cada matéria – Física, Direito, Política, para manter o exemplo de Aristóteles – e *comuns*, quando se referem a várias matérias. Depois, esses lugares-comuns, em virtude da interpenetração mais intensa e evidente entre poética e retórica, são também utilizados nos vários gêneros de poesia, quer entendamos por “gênero” as antigas classificações tradicionais, quer o entendamos como os subgêneros de discurso demonstrativo descritos por Menandro, o Retor e aplicados à poesia, como faz Cairns. Percebe-se, assim, que, para os discursos, Aristóteles patenteia haver lugares-comuns e lugares-específicos, mas aos gêneros de poesia, qualquer que seja o critério, os teóricos da Antigüidade aparentemente não vinculam lugares-específicos já que não utilizam o termo. Só aparentemente, pois na verdade, convém entender que para os antigos o conceito de lugar-específico – presumido, ainda que não nomeado – referente, por exemplo, à épica, elegia e lírica, não se resume apenas a ingredientes formais, como o metro (respectivamente, hexâmetro, dístico elegíaco, metros líricos), nem apenas à matéria (respectivamente, guerras, lamento, canções conviviais), mas diz respeito precisamente àquela correlação entre elementos formais e elementos temáticos,

6. Marcos Martinho dos Santos, no mesmo artigo já citado (2000, p. 225), assevera: “Tão logo tratou a subordinação das palavras ao caso, Horácio ilustra-a de acordo com os gêneros de poemas. Assim, de um lado arrola os ritmos ou versos, isto é, as composições de palavras mais decorosas para o caso [...] segundo cada gênero de poema, a saber: o hexâmetro para os casos bélicos (v. 73-4), o dístico elegíaco para os queixumes (v. 75-8), o jambo para a raiva (v. 79) e também para os diálogos dramáticos (v. 82-5), os versos da lira para os cuidados dos jovens e para o vinho (v. 83-5). De outro lado, repudia o uso indecoroso de versos trágicos na narração de matéria trágica”.

7. *Literatura européia e Idade Média latina*, p. 109 e cap. V.

8. Aristóteles, *Retórica*, I, 2 (1358a); Quintiliano, *Instituições oratórias*, 5, 10, 20.

segundo a adequação que, a exemplo do metro e da matéria, também foi descoberta, inventariada pelo εὐρητής, o *auctor*⁹, o inventor: lugar-específico, assim, é conceito complexo, relacional, e não simples ingrediente.

O próprio Francis Cairns, tratando de poesia, ainda que esteja a considerar a aplicação de gêneros retóricos a ela, a bem dizer, presume a existência dos lugares-específicos sem empregar todavia a designação, ao reconhecer a presença do que chama “elementos primários” e sua *especificidade* relativa aos gêneros. Como se pode verificar, não se restringem só a temas ou só a formas:

elementos primários, [são] as pessoas, situação, função, comunicação *logicamente necessários para o gênero*. (p. 21)

ou mesmo quando afirma:

os elementos primários *estarão presentes em cada exemplo do gênero*, implícita ou explicitamente [...] porque só com o *reconhecimento destes elementos primários* é que uma audiência antiga podia saber a qual gênero um poema ou discurso pertencia. (p. 6)

e, de modo definitivo:

[os elementos secundários] combinados com os elementos primários ajudam a identificar um exemplo de gênero. Mas *só os elementos primários são os árbitros definitivos da identidade genérica*, já que qualquer tópos (elemento secundário) pode ser encontrado em vários gêneros diferentes. (p. 6 – todos os grifos são nossos)

Nas passagens, a *presença necessária e lógica* dos elementos secundários no respectivo gênero e, além disso, a *exclusividade* de sua presença ali correspondem precisamente à noção aristotélica de lugar-específico. Em suma, Cairns serve-se da expressão vicária “elementos primários” e “elementos secundários” para introduzir o conceito de lugares, específicos e comuns. Estes Cairns admitiu e definiu, chamando-os só *tópoi*: são o verdadeiro objeto de seu livro. Quanto aos lugares específicos, por não pretender estudá-los, não os designou pelo próprio nome e mesmo sua especificidade é apenas sugerida por oposição à potencial ubiqüidade dos lugares-comuns.

Tudo somado, apesar da ligeireza com que Cairns considera os gêneros “tradicionais”, não reconhecendo nem explicando a condensada complexidade com que foram tratados por Aristóteles e Horácio e a despeito da crítica

9. É de suma importância lembrar que *auctor*, em latim, significa o inventor, o criador, mas também aquele que desenvolve matéria alheia.

importante que sofreu de Gian Biagio Conte (1994)¹⁰, acreditamos que são fundamentais as reflexões e informações que traz sobre lugares, comuns e específicos, e sobre gêneros não nomeados na Antigüidade.

BIBLIOGRAFIA

- CAIRNS, Francis. *Generic composition in Greek and Roman poetry*. Edinburg, 1972.
- CONTE, Gian Biagio. “Genre between empiricism and theory”. In: *Genres and readers: Lucretius, Love elegy, Pliny’s Encyclopedia*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1994, p. 105-28.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1996.
- SANTOS, Marcos Martinho. “O monstro da Arte poética de Horácio”. *Letras Clássicas* 4. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 191-265.

10. “Porém, é tão perigoso e mais comum nos estudos recentes pensar gênero como tipologia fundada exclusivamente em conteúdos recorrentes: topoi, temas, motivos e situações repetidos. Uma classificação por conteúdo corre o risco de nunca indicar a fronteira entre o geral e o particular. Se, por exemplo, concordarmos em chamar gênero “as últimas palavras de um homem”, não há razão para parar aí. Poderia haver também gêneros como “o poeta encontra Cupido à noite” ou “o poeta transforma-se em cisne” (p. 106). E ainda: “Como já apontei, os gêneros que acho interessantes nessa perspectiva são os mais tradicionais, épica, bucólica, elegia, sátira etc. De fato creio que é nesses gêneros – suas relações, fronteiras, conflitos, redistribuições de território – que os jogos realmente importantes entre autor e leitor são jogados. Definir gêneros de modo diferente faz o jogo perder interesse, pelo menos para mim. Não acredito que um leitor antigo tremia de emoção quando assaltado pela dúvida ‘mas o que estou lendo, um *propemptikón* ou um *epibatérion*’” (p. 118). Como *propemptikón* e *epibatérion* são dois dos gêneros retóricos tratados por Cairns, evidencia-se que Conte se refere a ele. O livro original de Conte é de 1991.